

Um novo PARADIGMA

Não é fácil explicar o que é a psicanálise. Um esclarecimento possível consiste em evocar a afirmação de Freud, reiterada por Winnicott, de que a psicanálise é a ciência de um certo tipo de fatos clínicos. Isso posto, uma nova pergunta se impõe, ainda mais difícil: que é uma ciência factual e como devem ser pensados a estrutura interna e o desenvolvimento de tal disciplina? De acordo com Thomas S. Kuhn, um dos mais influentes epistemólogos da segunda metade do século XX, uma ciência factual madura é o quadro no qual se desenvolve uma *atividade de resolução de problemas* semelhantes a quebra-cabeças. A estrutura interna desse quadro é caracterizada por uma maneira de ver o mundo e de falar sobre ele, compartilhada por um grupo institucionalizado, estruturada como um *paradigma* ou uma matriz disciplinar. Um paradigma é composto de:

1. *exemplares*, isto é, problemas centrais que dizem respeito aos fatos acessíveis em alguma forma de experiência (observação, experimentação, clínica), acompanhados de suas soluções e

2. *compromissos teóricos*, dos quais constam:

- a) generalizações usadas como guias na pesquisa;
- b) modelo ontológico do domínio estudado (a parte propriamente "metafísica" dos paradigmas);
- c) modelo metodológico (os métodos de pesquisa franqueados, analogias e metáforas permitidas);
- d) valores, alguns deles epistemológicos – relativos ao modo como deve ser elaborada e praticada a disciplina em questão (capacidade de formular problemas, tipo de soluções admitido, simplicidade, consistência interna e externa, plausibilidade) –, outros práticos, relativos à utilidade social do saber científico.

O desenvolvimento de uma disciplina desse tipo passa por períodos de pesquisa normal, cumulativa, realizada de acordo com o paradigma dominante, seguidos de períodos de crise, provocados pelo aumento de "anomalias" – problemas considerados relevantes, mas que permanecem não resolvidos. As crises levam uma parte do grupo a se



dedicar à pesquisa revolucionária, visando a constituição de um novo paradigma, obedecendo, contudo, à condição de preservar o essencial da capacidade solucionadora do paradigma anterior. Quando bem-sucedida, essa pesquisa não-cumulativa termina em conversão da parte ou da tota-

DIANTE DOS PROBLEMAS COLOCADOS PELA CLÍNICA DE WINNICOTT, O MODELO FREUDIANO ENTRA EM CRISE, DANDO LUGAR À BUSCA DE UM PARADIGMA NÃO-EDÍPICO PARA A PSICANÁLISE



lidade do grupo a uma nova maneira de ver o mundo e de falar sobre ele, comparável a um *Gestalt switch* perceptivo ou a uma mudança revolucionária de um regime político, seguida de um novo período de pesquisa normal. As mudanças nos paradigmas ocorrem, portanto, como revolu-

POR ZELJKO LOPARIC

ções científicas que substituem os paradigmas (figuras do mundo, "regimes" teóricos) velhos, em crise, pelos novos, considerados mais promissores por resolverem tanto os problemas principais já solucionados como as anomalias e por aumentarem, dessa forma, o poder de resolução de problemas da ciência em questão.

Mesmo que a psicanálise tradicional não possa ser considerada uma ciência factual madura, parece-me frutífero olhar para ela na perspectiva kuhniana, procurando por formas incipientes de um paradigma e por crises, seguidas de pesquisa revolucionária. Procedendo assim, é possível dizer que o exemplar principal da disciplina criada por Freud é o complexo de Édipo, a *criança na cama da mãe* às voltas com os conflitos, potenciais geradores de neuroses, relacionados à administração de pulsões sexuais em relações triangulares. A generalização-guia central é a teoria da sexualidade, centrada na idéia da ativação progressiva de zonas erógenas, pré-genitais e genitais, com o surgimento de pontos de fixação pré-genitais. O modelo ontológico do ser humano, explicitado na parte metapsicológica da teoria, comporta um aparelho psíquico individual, movido por pulsões libidinais, forças psíquicas determinadas por leis causais. A metodologia é centrada na interpretação do material transferencial à luz do complexo de Édipo ou de regressões aos pontos de fixação. Os valores epistemológicos básicos são os das ciências naturais, incluindo explicações causais, o valor prático principal sendo a eliminação do sofrimento decorrente dos conflitos internos pulsionais, do tipo libidinal. Considerando a importância do exemplar do Édipo na psicanálise de Freud, chamarei o seu paradigma de *edípico*.

CRISE DO PARADIGMA FREUDIANO

A psicanálise freudiana passou por várias reformulações pelo próprio Freud e seus seguidores, efetuadas no mais

HOMENAGEM. Winnicott ajudou a levantar recursos para financiar um busto de Freud, que havia posado para o escultor Oscar Nemon (1906-1985). Acima, o pensador inglês e o artista, no estúdio deste

das vezes sob pressão de fatos clínicos. Nas pesquisas de Winnicott, contudo, o paradigma freudiano como tal entra em crise, dando lugar à busca por um paradigma não-edípico. O motivo principal da crise foi o acúmulo de problemas clínicos – entre eles as manifestações da tendência anti-social e da psicose infantil – que, segundo Winnicott, não deviam ser eliminados do campo de aplicação da psicanálise, mas que não podiam ser compreendidos

os distúrbios de caráter e todos os tipos de psicopatia, incluindo ainda os casos de furto e as mentiras. A psicanálise da época explicava a delinqüência pela culpa originada de uma ambivalência inconsciente insuperável, a saber, pelo ódio persistente dirigido à pessoa amada.

A idéia básica era que havia um sentimento de culpa muito forte, que não podia encontrar saída nem na sublimação nem na reparação, de modo que a única alternativa era

WINNICOTT ENTENDEU QUE ERA NECESSÁRIO MUDAR A ETIOLOGIA DA TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL E DA DELINQUÊNCIA

teoricamente nem tratados clinicamente no quadro do paradigma edípico de Freud.

Desde 1923, Winnicott constatou a existência de várias manifestações do que ele posteriormente chamará de tendência anti-social, que compreendiam, num extremo, a avidez (*greediness*) e a enurese, e, no outro, a delinqüência,

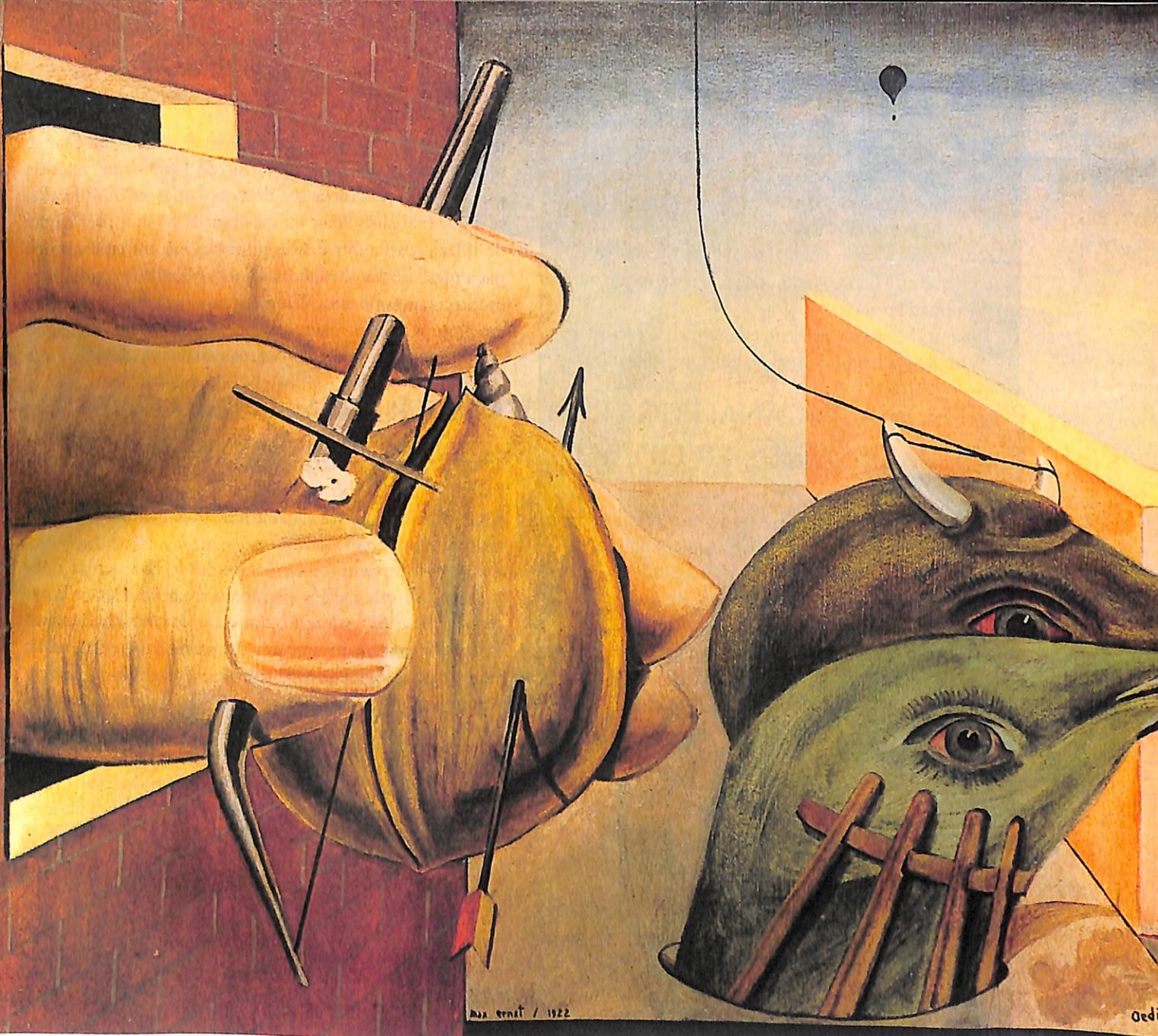
o indivíduo destruir algo a fim de poder sentir-se culpado. Em outras palavras, a etiologia da delinqüência era vista em termos da luta no mundo interno do indivíduo que só poderia ser transferida na forma de um *acting out* destrutivo, perturbador do *setting* analítico. Por essa razão, Winnicott, tal como os outros psicanalistas, encaminhava os casos anti-sociais a clínicas não-psicanalíticas. Ao mesmo tempo, contudo, ele via nisso uma séria limitação da teoria e uma grave falha técnica psicanalítica, não um erro de seleção de casos (de aplicação da psicanálise), e acabou concluindo, assim como antes dele fizeram Aichhorn e Ferenczi, que a psicanálise deveria adaptar a sua técnica às necessidades da criança com uma tendência anti-social ou do psicopata “sem se transformar em puro manejo, ou seja, sem perder o seu título de psicanálise” (*O ambiente e os processos de maturação*).

Desde essa mesma época, Winnicott deu-se conta, baseado em inúmeros casos clínicos, que crianças sofrendo de distúrbios psíquicos mais variados, em particular as crianças psicóticas, “revelavam dificuldades no seu desenvolvimento emocional na infância, mesmo como bebês”, fato que, segundo ele, dificilmente podia ser encaixado na teoria do complexo de Édipo. Ele expôs esses casos aos colegas em “artigos assustados”, reunidos posteriormente num único trabalho: “Apetite e desordem emocional”, de 1936.

Passado o susto, Winnicott acabou rejeitando a regra básica da metodologia freudiana, a que exige a interpretação do material transferencial à luz do complexo de Édipo ou de regressões aos pontos de fixação pré-genitais. Num texto autobiográfico de 1967, ele caracteriza a sua posição como “protesto contra a referência à regressão universal com base na satisfação/frustração do id no triângulo edípico”, acrescentando que, com o tempo, surgiram outros psicanalistas – em particular, Alice Balint – que se mostravam interessados nesse ponto, e que outras profissionais, que não eram psicanalistas, mas que tinham grande experiência no tratamento das crianças, entre elas Margaret Lowenfeld e Merrill Middlemore, estavam de-



CONSTRUÇÃO DE TEORIAS. Acima, o filósofo americano Thomas S. Kuhn (1922-1996), um expoente do pensamento epistemológico; ao lado, o psicanalista húngaro Sándor Ferenczi (1873-1933)



MODELO EM XEQUE. Nas pesquisas de Winnicott, o paradigma freudiano como tal entra em crise, devido ao acúmulo de problemas clínicos, dando lugar à busca por um paradigma não-edípico. Acima, *Oedipus Rex* (1922), de Max Ernst

fendendo teses semelhantes, sem constituírem, contudo, um grupo coeso (*Explorações psicanalíticas*).

Na percepção de Winnicott, a principal dificuldade da psicanálise tradicional em tratar dos casos de tendência anti-social e de psicose decorria do fato de ela pensar a etiologia dos distúrbios psíquicos em termos relacionados aos conflitos "pulsionais" intrapsíquicos, deixando de ver, pelo menos nesses casos, que a patologia ou a anormalidade estava primariamente no ambiente e só secundariamente na reação da criança. Em outras palavras, Winnicott entendeu que era necessário mudar tanto a etiologia da tendência anti-social e da delinquência, como a da psicose.

No início da década de 1940, ele passara a sustentar que a tendência anti-social, os comportamentos delinquentes e os distúrbios de caráter (psicopatias) decorrentes dela são causados pela falha ambiental ocorrida num estágio de dependência relativa, no qual o indivíduo já adquiriu a organização egóica suficiente para perceber a deprivação (*deprivation*) efetiva (perda de um objeto ou de um quadro de referência que era, antes, bom e disponível) e

O AUTOR

ZELJKO LOPARIC é professor de filosofia da Unicamp e da PUC-RS, docente do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP, diretor geral do Centro Winnicott de São Paulo.

para entender que a responsabilidade pela perda era do ambiente (que este ficou lhe devendo algo). Dessa forma, a etiologia tradicional, baseada nos conceitos de pulsão e de conflito interno, foi substituída pela compreensão quanto à necessidade pessoal e à perda de confiança no ambiente, com a conseqüente crise relativa ao autocontrole e à identidade pessoal.

Quanto à psicose, aproximadamente na mesma época, Winnicott chegou à "inesperada conclusão de que a

falhas deste (*O ambiente e os processos de maturação*). Daí se segue – cito agora um texto tardio de 1969 – que "a teoria psicanalítica precisava ser desenvolvida ou modificada, se é que o analista quer ter esperanças de se tornar capaz de lidar com fenômenos esquizóides no tratamento dos pacientes" (*Explorações psicanalíticas*). Num outro trabalho, escrito no mesmo ano, Winnicott enunciara a mesma tese em termos que revelam claramente a sua preocupação com a inércia intelectual dos psicanalistas, devida à sua

A TEORIA PSICANALÍTICA PRECISAVA SER TRANSFORMADA PARA O ANALISTA PODER LIDAR COM FENÔMENOS ESQUIZÓIDES

esquizofrenia era uma espécie de doença provocada por uma deficiência ambiental" (*Da pediatria à psicanálise*). A esquizofrenia se origina – essa é a tese que Winnicott começará a defender apoiado, de novo, em dados colhidos na sua intensa clínica pediátrica – no estágio de dupla dependência, ou seja, no período em que o indivíduo em desenvolvimento ainda não adquiriu a capacidade de ter consciência do ambiente externo e de se dar conta das

formação ortodoxa e aos hábitos de trabalho que impedem o progresso da psicanálise:

"Para fazer progresso no sentido de uma teoria operacional da psicose, os psicanalistas devem abandonar toda a idéia da esquizofrenia e da paranóia, tal como vistas em termos de regressão, a partir do complexo de Édipo. A etiologia desses distúrbios leva-nos inevitavelmente a estágios que precedem o relacionamento de três corpos.

TENDÊNCIA PARA A INTEGRAÇÃO. O indivíduo humano não se relaciona com outras pessoas, em primeiro lugar, por buscar o prazer, mas por precisar da sua presença e da confiabilidade, e por necessitar que sejam satisfeitas as suas tensões instintuais. Abaixo, *A Dança* (1910), de Henri Matisse



MUSEU HERMITAGE, SÃO PETERSBURGO

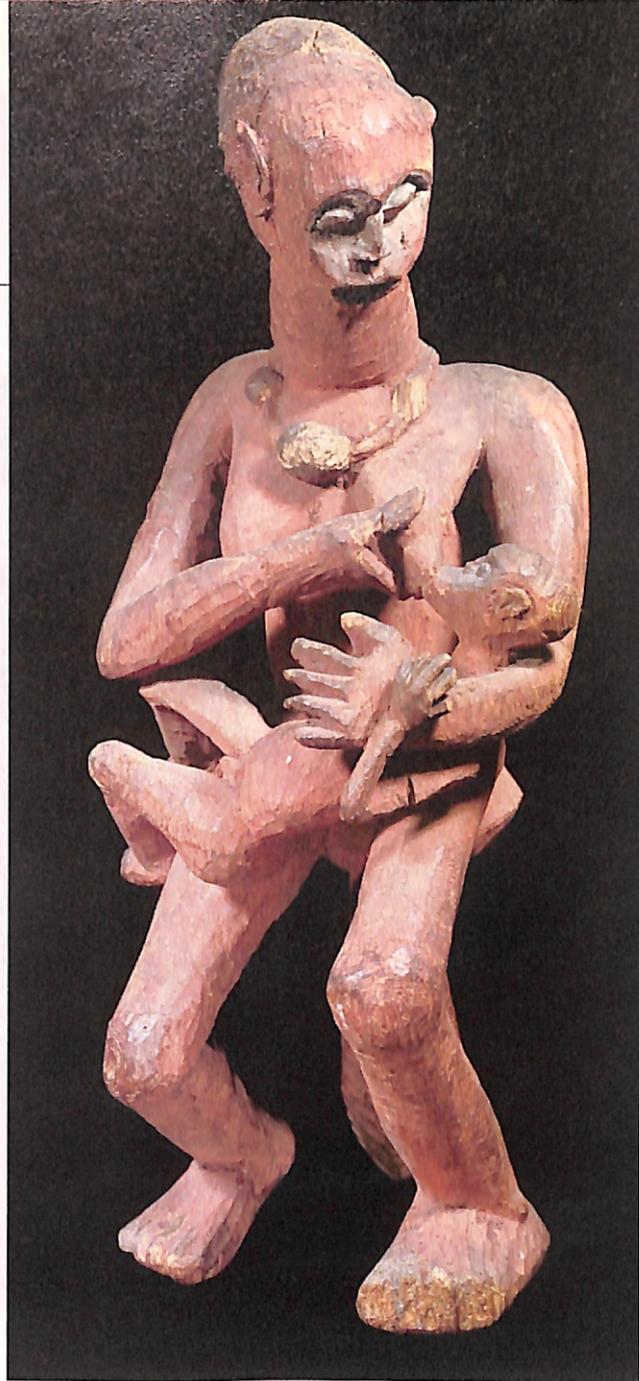
PARADIGMA NÃO-EDIPIANO. A questão central da psicanálise winnicottiana não é a do “andarilho na cama da mãe”, mas a do “bebê no colo da mãe”. Ao lado, estátua da tribo bamileke, da República dos Camarões

O corolário estranho é que existe, na raiz da psicose, um fator externo. É difícil para os psicanalistas admitir isto, após todo o trabalho que tiveram chamando a atenção para os fatores internos, ao examinarem a etiologia da psicose” (*Explorações psicanalíticas*).

Foi por considerações desse tipo, relacionadas essencialmente à capacidade de a psicanálise resolver problemas clínicos no seu quadro teórico – e não por análises abstratas, de cunho especulativo, exemplificadas pela obra de Lacan – que surgiu a matriz disciplinar da psicanálise winnicottiana, substancialmente diferente da de Freud. Cabe destacar, contudo, que a mudança do paradigma freudiano foi elaborada por Winnicott de maneira a preservar “as pontes que levam da teoria mais antiga para a mais nova” (idem). Tratava-se de “retornar ao meio ambiente sem perder tudo o que fora ganho pelo estudo dos fatores internos” (idem).

Que modificações seriam necessárias para assegurar o progresso da psicanálise nos campos assinalados? Em primeiro lugar, era preciso abandonar o paradigma edípico, baseado, conforme vimos, no papel estruturante do complexo de Édipo e na teoria da sexualidade concebida como a teoria-guia da psicanálise. O novo exemplar proposto por Winnicott é o *bebê no colo da mãe*, precisando crescer – isto é, constituir uma base para continuar existindo e integrar-se numa unidade. A generalização-guia mais importante é a teoria do amadurecimento pessoal, da qual a teoria da sexualidade é apenas uma parte. Se supusermos que a mudança winnicottiana do paradigma freudiano aconteceu, como diz Kuhn, de forma análoga a um *Gestalt switch*, ela não podia limitar-se a pontos isolados, devendo abranger todo o campo teórico da psicanálise.

É fácil mostrar que, de fato, Winnicott também introduziu um novo modelo ontológico do objeto de estudo da psicanálise, centrado no conceito de tendência para a integração, para o relacionamento com pessoas e coisas e para a parceria psicossomática. A sua metodologia preserva a tarefa de verbalização do material transferencial, admitindo, contudo, apenas interpretações baseadas na teoria do amadurecimento, sem recurso à metapsicologia freudiana, e incluindo também o manejo da regressão à dependência e do *acting out* dos anti-sociais. O valor principal é a eliminação de defesas endurecidas, paralisadoras do amadurecimento, e a facilitação para que agora aconteça o que deveria ter acontecido, mas não aconteceu, que se junte o que permaneceu ou se tornou dissociado ou mesmo cindido. O sofrimento decorrente de conflitos, internos ou externos, fica em segundo plano, considerado como



BRIDGMAN ART LIBRARY, LONDRES/KESTONE

fazendo parte da vida sadia. Tendo em vista a importância do conceito de amadurecimento na psicanálise de Winnicott, chamarei o seu paradigma de *maturacional*.

Ao longo de uma pesquisa conduzida no quadro desse novo paradigma e que se estendeu por décadas, Winnicott ofereceu uma articulação detalhada de duas das suas teses teóricas mais importantes sobre a etiologia dos distúrbios psíquicos: 1) que o processo perturbado não é o desenvolvimento sexual, mas o amadurecimento emocional, e 2) que o fator externo, isto é, do ambiente facilitador, tem importância decisiva na etiologia dos distúrbios psíquicos. Ele detalhou os três modos básicos de perturbação do processo de amadurecimento: a não-constituição do si-mesmo, a repressão dos instintos e a perda do objeto e/ou a perda do quadro de referência já constituído, com a conseqüente perda do si-mesmo.



GALERIA NACIONAL DE CAPODIMONTE, NÁPOLES

A TENDÊNCIA ANTI-SOCIAL é uma reação à privação. Acima, *O misantropo* (1568), óleo sobre tela de Pieter Brueghel

Esse desenvolvimento teórico tornou-se, por sua vez, a base das suas considerações sobre a classificação dos distúrbios psíquicos e a divisão desses distúrbios em três categorias básicas, ordenadas aqui na semi-ordem (falo em semi-ordem porque os distúrbios podem surgir acavalados) de seu surgimento durante o processo maturacional: 1. as psicoses, 2. as depressões reativas e as psiconeuroses e 3. a tendência anti-social seguida ou não de delinquência.

Em segundo lugar, ele abordou, em diversos estudos, o surgimento de cada um desses distúrbios em razão de falhas ambientais ocorridas em diferentes fases do processo de amadurecimento, mostrando, em detalhe, que as psicoses decorrem da *privação* da facilitação ambiental na fase de dependência absoluta, e mesmo relativa, do bebê com

relação à mãe-ambiente facilitador, que as psiconeuroses e as depressões reativas se devem ao não-atendimento ou mesmo à *repressão* dos instintos nas fases do concernimento (esse neologismo é a minha tradução do termo *concern*, de Winnicott) e do Édipo, e que a tendência anti-social é uma reação à *deprivação*, isto é, à perda da facilitação ambiental já experienciada como boa e percebida como uma falha do ambiente (*Explorações psicanalíticas*).

Com base em seus estudos sobre a classificação dos distúrbios e a etiologia destes, Winnicott ampliou e modificou substancialmente o conceito tradicional de *clínica psicanalítica*, propondo três variedades básicas de "psicoterapia": a das psicoses, a das depressões reativas e das neuroses e a da tendência anti-social nas fases iniciais

(Privação e delinqüência). A primeira caracteriza-se, sobretudo, por uma organização complexa de *holding* que permite, sem necessariamente recorrer à interpretação, a regressão à dependência, fenômeno essencialmente distinto da

semântico essencialmente diferente, o da linguagem que se quer essencialmente descritiva.

O lugar do conceito especulativo de pulsão é ocupado por, pelo menos, três conceitos radicalmente distintos

[A ABORDAGEM WINNICOTTIANA JAMAIS SE DISTANCIA DA RELAÇÃO FACTUAL INDIVÍDUO-AMBIENTE]

regressão aos pontos de fixação da libido. No caso das psicoses, a clínica tradicional revela-se inapropriada precisamente devido ao erro teórico que consiste em confundir esses dois tipos de regressão, pois considera "que o termo 'adaptação às necessidades' no tratamento de pacientes esquizóides e no cuidado do lactente significa satisfazer os impulsos do id" (*O ambiente e os processos de maturação*), o que, segundo Winnicott, é inteiramente inadequado. A segunda vale-se do *setting* clássico desenhado por Freud e trabalha com interpretação. A terceira, à medida que compete à psicanálise propriamente dita, e não ao manejo familiar ou social em geral, consiste em admitir a atuação do paciente como parte da transferência, entendendo que se trata de um sinal de esperança que precisa ser compreendido como tal e valorizado positivamente.

A REVOLUÇÃO WINNICOTTIANA

Começo pelo modelo ontológico do objeto de estudo da psicanálise. Enquanto a psicanálise tradicional estuda o psiquismo humano, concebido metapsicologicamente (especulativamente) como um aparelho movido a pulsões dirigidas para objetos (daí o papel central do relacionamento objetal visando satisfação), a winnicottiana jamais se distancia da relação factual indivíduo-ambiente, o indivíduo sendo caracterizado pela tendência para o crescimento por amadurecimento e o ambiente, investido do papel de facilitador do amadurecimento.

De acordo com o preceito de manter abertas as pontes entre o paradigma antigo e o novo, Winnicott esforçar-se-á por preservar o que for possível da teoria antiga e, sobretudo, a sua capacidade clínica. Nesse espírito, os conceitos de pulsão e de aparelho psíquico serão redescritos, isto é, transpostos para a linguagem experiencial do paradigma winnicottiano. Essa transposição *não* é uma tradução – visto que os conceitos metapsicológicos de Freud são, por definição, especulativos, isto é, não aplicáveis diretamente à experiência clínica –, mas uma paráfrase, num campo

entre si, mas todos referentes à experiência possível de um bebê humano: 1. o de necessidade (*need*) do indivíduo humano de ser, de continuar crescendo e de ser si-mesmo – de onde surgem todas as outras necessidades da vida humana que só podem ser atendidas com base na identificação da mãe com seu bebê; 2. o de instinto (*instinct*) ou de *drive* (impulso) biológico, de onde se originam as pressões pela satisfação e pela recompensa na forma do prazer (a idéia da "adaptação materna suficientemente boa às necessidades do bebê" não deve ser confundida, diz Winnicott em *Explorações psicanalíticas*, com "o conceito de satisfação, pela mãe, dos impulsos instintuais"); 3. o de desejo (*wish*), relacionado à fantasia sofisticada. Como sugeri num trabalho anterior ("Além do inconsciente – Sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise"),



AKG BERLIN / INTERCONTINENTAL PRESS

O PARALELISMO entre Winnicott e Heidegger está no tratamento dos modos de ser do homem, na forma em que esses sentidos se constituem. Ao lado, Martin Heidegger em fotografia de 1939

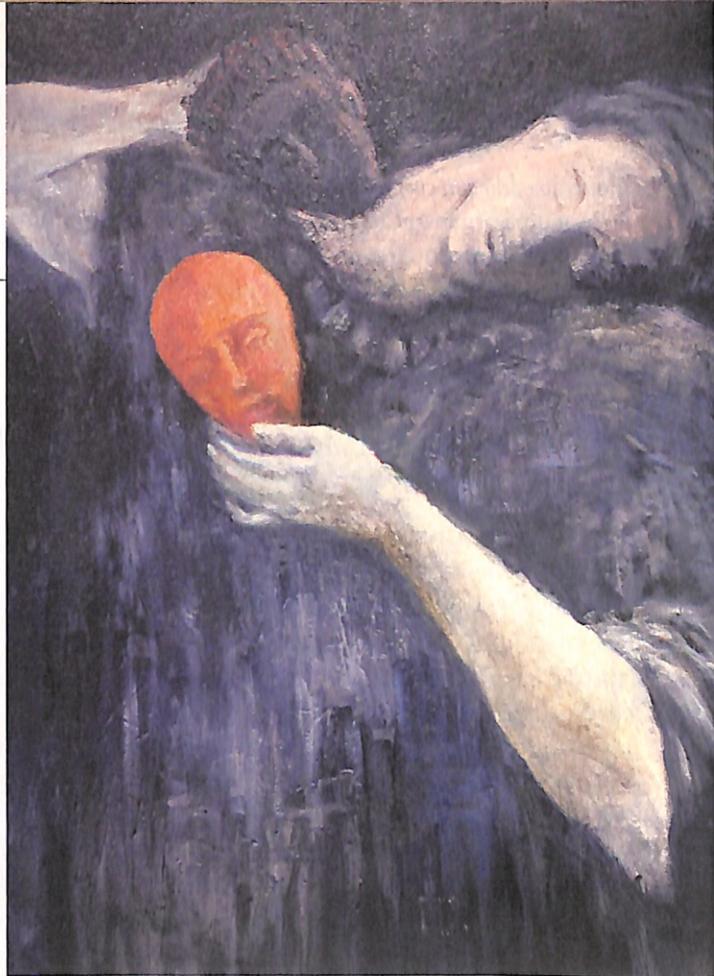
WINNICOTT substitui o conceito freudiano de aparelho psíquico pelo conceito de integração ou de identidade pessoal, resultado do "desenvolvimento emocional da pessoa individual".
Ao lado, *Máscaras*, de Elpida Georgiou

as necessidades e instintos podem ser englobados sob o título de *urgências*, e a vida humana pode ser caracterizada pela urgencialidade, em vez de pela pulsionalidade.

Há quem sustente que os termos *instinct* e *drive* de Winnicott são emprestados das traduções inglesas do termo *Trieb* de Freud, comumente vertido em português por "pulsão". Essa interpretação é um sério engano, como se pode concluir facilmente da comparação das teses de Winnicott sobre os instintos com a doutrina das pulsões de Freud. Destacarei apenas três diferenças. Os instintos, diz Winnicott, "são impulsos (*drives*) biológicos poderosos que vão e vêm na vida do lactente ou da criança e que exigem ação" (*Natureza humana*). Trata-se, portanto, da *animalidade* do ser humano. Na obra madura de Freud, as pulsões não são impulsos biológicos factuais, mas entidades especulativas que existiriam na fronteira entre o físico e o psíquico ou, então, forças psíquicas de caráter mítico. Em segundo lugar, o vai-e-vem dos instintos, na vida de um indivíduo, só passa a fazer sentido, segundo Winnicott, depois de este integrar seus estados excitados como internos, o que ocorre na fase de concernimento, portanto, já bastante longe das fases iniciais. O si-mesmo (*the self*) tem de "preceder o uso do instinto pelo si-mesmo" (*O brincar e a realidade*). Em Freud, tanto as forças da fronteira como as psíquicas agem de pleno direito no interior do psiquismo humano desde o início, por serem seus elementos constitutivos. Em terceiro lugar, Winnicott rejeita o dualismo pulsional de Freud. A introdução de conceitos de pulsão de vida e de morte é o principal deslize teórico de Freud, responsável por graves deficiências da psicanálise tradicional (Melanie Klein inclusive): a incapacidade de compreender o processo de amadurecimento pessoal e a produção de teorias da morte e da agressão indefensáveis, porque "falsas" (*Natureza humana*).

Da mesma forma, Winnicott substitui o conceito freudiano de aparelho psíquico pelo conceito de integração ou de identidade pessoal, resultado do "desenvolvimento emocional da pessoa individual", objeto principal de estudo da teoria winnicottiana do amadurecimento humano (em certos textos, ele usa o termo "psicomorfologia" como sinônimo de psicologia dinâmica). No quadro dessa teoria, os conceitos freudianos mudam de sentido.

O ego passa a ser o termo que designa a tendência do indivíduo de se tornar integrado na forma de uma unidade pessoal. Essa tendência atinge um momento decisivo na fase do *Eu sou*, na qual é criada a diferença entre o si-mesmo e o mundo exterior como tal, o que permite que o indivíduo se experiencie, pela primeira vez, como habitado por



instintos e se torne, com o tempo, responsável por estes.

O id designa a vida instintual no sentido de conjunto de funções corpóreas "registradas, catalogadas, experienciadas e finalmente interpretadas pelo funcionamento do ego", isto é, pelo processo integrativo. Sendo assim, sem o ego não há o id – tese que difere radicalmente da afirmação ortodoxa de o ego ser um desdobramento do id.

Finalmente, a formação do superego é redescrita como aquisição, na fase de concernimento – isto é, na relação dual, pré-edípica, mãe-bebê – da capacidade de se sentir pessoalmente responsável ("concernido") pelos danos causados ao ambiente, decorrentes do uso excitado da mãe-objeto. Nessa perspectiva, o superego impessoal da censura, da culpabilização e da necessidade de punição em termos de lei passam a figurar como traços do falso si-mesmo ou até como formas patológicas do processo de amadurecimento moral. Da reformulação winnicottiana da teoria estrutural de mente elaborada por Freud não se seguem conseqüências importantes apenas para a teoria psicanalítica da origem e do sentido da moralidade (origem pré-edípica, sentido desvinculado da lei, inclusive da lei de incesto), mas também para a teoria da cultura. "Freud, na sua topografia da mente, não encontrou lugar para a experiência cultural", afirmou Winnicott em 1966 (*O brincar e a realidade*). Dois anos mais tarde, ele estenderá essa crítica a todos os psicanalistas que trabalham no paradigma freudiano, dizendo que a "abordagem ortodoxa" do ser humano,

feita em termos da metapsicologia, "não concedeu nenhum lugar para a experiência cultural" (*Explorações psicanalíticas*). Trata-se de um fenômeno que não acontece no aparelho psíquico, mas no *espaço potencial*, numa área entre a mãe e o bebê que não é nem externa nem intrapsíquica, mas que, não obstante, deve ser pensada como parte da organização do si-mesmo do bebê. Aberto na fase de transicionalidade, com base na experiência de confiabilidade do ambiente,

modos, característico da teoria freudiana das relações instintuais da fase do Édipo ou das fases ainda mais tardias, vale-se da objetificação do "material clínico" – isto é, trata os fenômenos clínicos como fatos da natureza, pertencentes ao mundo externo refletido no psicanalista-espelho – e emprega uma linguagem também objetificante.

Sem abandonar por completo esse procedimento, Winnicott introduziu de maneira sistemática um modo de

A "LINGUAGEM DOS INSTINTOS" NÃO PODE DIZER TUDO O QUE, NA PSICANÁLISE, PRECISA SER DITO SOBRE O SER HUMANO

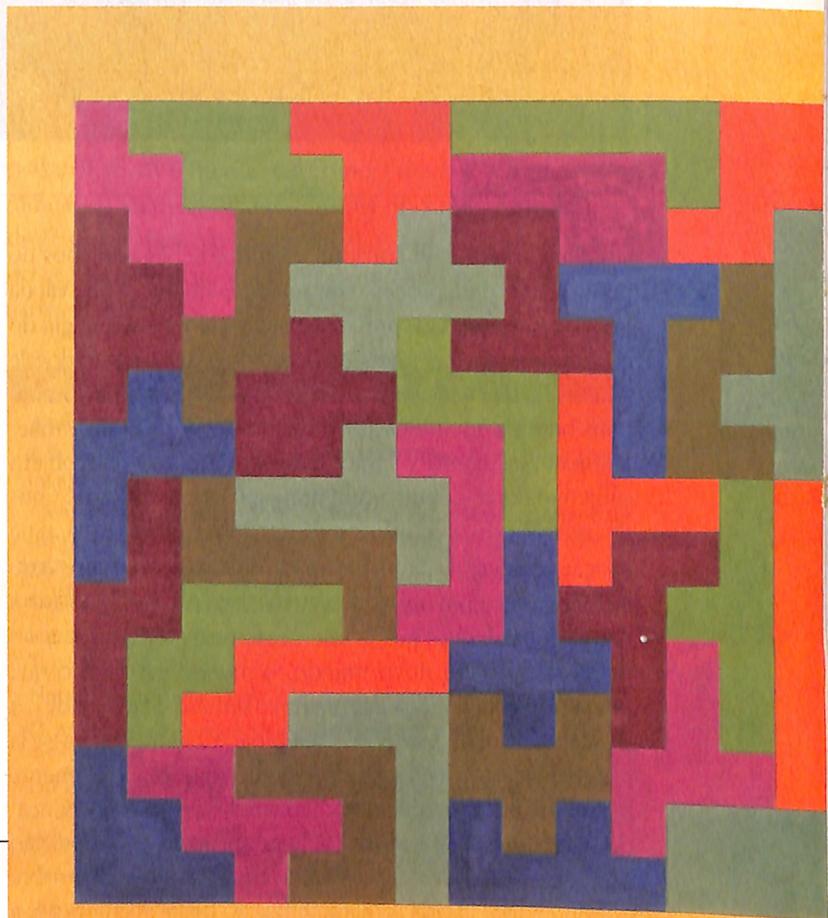
esse espaço é inicialmente ocupado por relacionamentos objetivos do tipo não-orgiástico, a saber, pelo brincar, atividade criativa e excitante, não por ser movida a instintos, mas por refletir a *precariedade* que, na experiência do bebê, caracteriza o jogo livre entre o mundo subjetivo e o mundo objetivamente percebido (*O brincar e a realidade*).

Ao se livrar da teoria freudiana das pulsões e do aparelho, Winnicott abandonou também a busca do prazer como princípio determinante da vida humana. Sem ignorar que os indivíduos humanos também procuram obter prazer, ele nega que isso ocorra, como sustenta Freud, em virtude de um princípio de funcionamento causal do aparelho psíquico. O indivíduo humano não se relaciona com outras pessoas, em primeiro lugar, por buscar o prazer, mas por precisar da sua presença e da sua confiabilidade e por necessitar que sejam satisfeitas as suas tensões instintuais. Neste último caso, "satisfazer" significa, em primeiro lugar, *aplar* ou *acalmar*; o termo "acalmar" sendo tomado no sentido descritivo e não metapsicológico, de diminuição de pressão "pulsional", e o prazer, entendido como recompensa decorrente da satisfação obtida no paroxismo da tensão.

Winnicott também opera várias mudanças importantes no componente metodológico da matriz disciplinar da psicanálise. Em primeiro lugar, recusa a teorização metapsicológica, que trabalha com conceitos especulativos, não testáveis no domínio de dados clínicos, e opta pela teorização de tipo "empírico", aquela que procede "pela observação dos fatos, pela construção da teoria e seus testes, e pela modificação da teoria de acordo com a descoberta de novos fatos" (*Pensando sobre crianças*).

Em segundo lugar, Winnicott distingue diferentes modos de construção de teorias empíricas, levando em conta os fatos tratados e a linguagem empregada. Um desses

teorização diferente (antes dele, alguns outros autores, entre os quais Sándor Ferenczi, fizeram primeiras tentativas nessa mesma direção; nenhuma delas prosperou, talvez por terem sido severamente censuradas pelo *establishment* psicanalítico durante décadas). Tal teorização corresponde a uma *atitude participativa* e não-objetificante do analista e emprega uma linguagem de *comunicação direta*, também não-objetificante. Essa linguagem é usada para trazer à palavra os fatos pertencentes aos mundos próximos da origem, isto é, para descrever os



MATRIZ DISCIPLINAR. Para Thomas S. Kuhn, uma ciência factual madura é o quadro em que se desenvolve uma atividade de resolução de problemas semelhantes a quebra-cabeça. Ao lado, *Puzzle II* (1988), de Peter Hugo McClure



MULTIPLICIDADE DE MUNDOS. *Dementes em esquina* (1921), do pintor expressionista alemão Walter Gramatté

ambientes em que se constitui o ser dos bebês humanos no período inicial do processo de amadurecimento – que vai da fase da assim chamada primeira mamada teórica ao estágio do concernimento, inclusive – ou os estados muito regredidos de adultos. O primeiro desses mundos é o subjetivo, constituído com base na identificação primária do bebê com a mãe-ambiente ou, como Winnicott diz ainda, com a mãe-objeto subjetivo. Essa identificação, pressuposta em todos os tipos de “relações de objetos” posteriores, não é, ela mesma, uma relação (objetal). É axiomático para Winnicott “que não há relacionamento com objeto subjetivo” (*Explorações psicanalíticas*). As relações objetais propriamente ditas só começam depois da criação de um novo mundo, o mundo externo, o que pressupõe a constituição de um novo sentido de realidade – o de realidade objetivamente percebida: “O mundo acha-se lá para o relacionamento apenas à medida que é objetivamente percebido, sendo aquilo que chamamos de externo à criança” (idem). Segundo Winnicott, a “linguagem dos instintos” não pode dizer tudo o que, na psicanálise, precisa ser dito sobre o ser humano. Usada na caracterização de fases anteriores à edípica, ela se torna “errada” (*Natureza humana*).

Ao atentar para a multiplicidade de mundos criados e habitados pelo seres humanos ao longo do processo do amadurecimento e para a necessidade de usar uma multiplicidade dos dizeres a fim de falar desses mundos, Winnicott modificou radicalmente o vocabulário da psicanálise. Dou alguns exemplos. Embora continue usando as expressões “objeto” e “relação de objeto”, do jargão psicanalítico, quando discute as relações instintuais com o mundo externo, objetificado, Winnicott emprega os termos “pessoa” e “relação pessoal” ou “interpessoal” cada vez que deseja enfatizar que está tratando de relações dos seres humanos entre si não-objetificáveis em si mesmas. De resto, o uso indiscriminado do termo “objeto” reforça a tendência à objetificação que passou a dominar as relações inter-humanas e a teorização sobre os seres humanos nos dias de hoje, apesar de inaceitável tanto do ponto de vista teórico (filosófico) como moral.

Na psicanálise tradicional, essa tendência gerou impasses teóricos que inviabilizaram epistemologicamente o modo de teorização adotado por Freud, fato que não escapou a Winnicott. Aos impasses teóricos somam-se os técnicos, que impedem, para muitos psicanalistas orto-

doxos, aceitar e valorizar positivamente "a contribuição pessoal" dos pacientes na relação clínica definida por "condições especiais e controladas" – o caráter impessoal do *setting* tradicional tendo sido também objeto de constantes críticas de Winnicott. Por isso, quando se discute a psicanálise em geral e, em particular, a de Winnicott, creio ser oportuno evitar falar em relações de *objeto* nos contextos em que está se dizendo algo sobre relacionamentos entre *peçoas* e mesmo sobre *coisas* que não são meros "objetos

pela consciência ou pelo intelecto de estados mentais ou apenas psíquicos, a falha da integração sendo concebida como uma parada do amadurecimento ou como perda de aquisições já realizadas. Dito numa outra linguagem, mais próxima de Heidegger, o inconsciente winnicottiano consiste do não-acontecido (mas que precisava acontecer) e do "desacontecido" (mas que precisava continuar sendo); em todo caso, de algo que pode escapar à recordação ou à elaboração simbólica.

A OBRA DE WINNICOTT EXIGE LEITORES DISPOSTOS A ROMPER, QUANDO NECESSÁRIO, COM USOS ESTABELECIDOS

externos objetivamente percebidos", como as de uso cotidiano ou obras de arte.

Pelos mesmos motivos, convém ter cautela – sempre tomando o cuidado de não produzir colapso de comunicação – ao usar os termos "sujeito" e "relação sujeito-objeto". No início da vida, o bebê humano não é um sujeito, pois nem ao menos existe como alguém independente. Ele precisa *chegar a existir*, antes de poder executar qualquer operação mental ou acional elaborada (desejar, projetar, pensar, atuar etc.), antes, portanto, de criar capacidades que são tradicionalmente – na filosofia e, por influência desta, na psicanálise – tomadas como traços essenciais da subjetividade humana. Mesmo adultos escapam cotidianamente da condição de sujeito, pois, na maioria das vezes, cuidam dos problemas das suas vidas apoiados em sua identidade primária, adquirida muito cedo no processo de amadurecimento pela identificação com a mãe-ambiente e anterior ao desenvolvimento da capacidade representacional. A *intra*-humanidade da dupla mãe-bebê é anterior à *inter*-subjetividade. Tal como o de objeto, o conceito de sujeito usado na psicanálise é ambíguo e fonte de confusões teóricas e clínicas graves.

Outra mudança conceitual merece ser destacada. De acordo com a sua visão de que a psicanálise precisa de diferentes tipos de linguagem, Winnicott limitou o uso do conceito de inconsciente freudiano à descrição de excitações instintuais e fantasias correspondentes *reprimidas*. Trata-se de fatos objetivos da vida psíquica, de algo que foi reprimido por ser inaceitável à consciência, mas que tende a se tornar consciente e que, levantadas as resistências, pode se tornar consciente, mentalizado. Entretanto, esse conceito de inconsciente não pode ser usado para falar do inconsciente dissociado ou do inconsciente cindido, no sentido de Winnicott.

Nesses dois casos, o que é chamado de inconsciente é algo *não-mental* e mesmo *não-psíquico*: a dissociação e a cisão dizem respeito à *não-integração*, e mais precisamente à desintegração pessoal ou psicossomática, e não à aceitabilidade

Uma ilustração desse ponto é dada pela observação de Winnicott de que, na fase do concernimento (cujo ápice se dá por volta dos 2 anos e meio), a produção de uma ordem ou padrão a partir do caos do mundo interno se deve a um "trabalho que não é mental nem intelectual", mas uma tarefa intimamente relacionada "à tarefa da digestão, que também se realiza à margem do entendimento intelectual, o qual pode ocorrer ou não" (*Natureza humana*).

Seria um engano pensar que essas considerações, de natureza em parte abstrata e mesmo filosófica, estejam fora do lugar num texto que se propõe como objetivo principal apresentar as contribuições de Winnicott à psicanálise. Winnicott, tal como Freud, é um pensador radical. A sua obra exige leitores igualmente decididos, dispostos a levar em conta todos os aspectos importantes do seu pensamento e a romper, quando necessário, com usos estabelecidos.

VCM

PARA CONHECER MAIS

- A estrutura das revoluções científicas. T. Kuhn. Perspectiva, 1975.
- A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott. E. Oliveira Dias. Imago, 2003.
- Além do inconsciente – Sobre a desconstrução heideggeriana da psicanálise. Z. Loparic, em *Natureza humana*, vol. 3, nº 1, 2001.
- Da pediatria à psicanálise. D. W. Winnicott. Imago, 2000.
- Explorações psicanalíticas. D. W. Winnicott. Artmed, 1993.
- Heidegger and Winnicott. Z. Loparic, em *Natureza humana*, vol. 1, nº 1, 1999.
- Natureza humana. D. W. Winnicott. Imago, 1990.
- O ambiente e os processos de maturação. D. W. Winnicott. Artmed, 1983.
- O "animal humano". Z. Loparic, em *Natureza humana*, vol. 2, nº 2, 2000.
- O brincar e a realidade. D. W. Winnicott. Imago, 1975.
- Pensando sobre crianças. D. W. Winnicott. Artmed, 1997.
- Privação e delinquência. D. W. Winnicott. Martins Fontes, 1987.
- Winnicott e o pensamento pós-metafísico. Z. Loparic, em *Psicologia USP*, vol. 6, nº 2, 1995.